

A composição do capital: uma sugestão de interpretação

ELIZEU SERRA DE ARAUJO*

Introdução

A composição do capital é uma das categorias fundamentais na investigação que Marx realiza acerca das principais tendências da produção capitalista, especialmente (i) no contexto da lei geral da acumulação capitalista, na qual ela é determinante para o surgimento de uma superpopulação relativa; (ii) na configuração de diferentes taxas de lucro entre diferentes esferas da produção, na hipótese de preços de mercado correspondentes à magnitude dos valores; (iii) na formulação da lei da queda tendencial da taxa de lucro; e (iv) na formação da renda fundiária absoluta.

Apesar dessa importância, sua utilização tem sido marcada por uma grande imprecisão conceitual. Isso se deve, em grande parte, ao estado dos textos de Marx sobre a matéria, cujo caráter inacabado parece bastante evidente. Abordando a composição do capital do duplo ponto de vista “do valor” e “da matéria” (*C*, I/2, p.187),¹ Marx faz referência à composição técnica (CTC), à composição de valor (CVC) e à composição orgânica do capital (COC). Se no tocante à CTC existe um grau razoável de acordo entre os intérpretes, o mesmo não pode ser dito dos outros dois conceitos, especificamente da natureza precisa da relação existente em Marx entre a COC e a CVC. Tratar-se-ia de duas dimensões alternativas da composição do capital do ponto de vista do valor? Ou, como propõem outros autores, a COC deve, para todos os efeitos, identificar-se com a CVC?

* Professor do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: elizeuserra@yahoo.com.

1 As citações de *O capital* são indicadas pela letra *C*, seguida do livro e do tomo da obra.

O presente artigo propõe uma interpretação que tenta preservar o que parece ser o significado essencial do conceito da composição do capital em Marx. A interpretação proposta será o objeto da primeira seção do artigo. A segunda seção passa em revista algumas das interpretações alternativas sobre o tema. A terceira seção apresenta as principais conclusões do estudo.

Uma interpretação da composição do capital

As apresentações habituais do tema da composição do capital identificam dois ou três conceitos distintos, conforme o tratamento dado à questão da perspectiva “do valor”. Se a CTC é comum às diferentes interpretações, alguns autores identificam a COC com a CVC, enquanto outros fazem um esforço de diferenciá-las.

A posição de Marx sobre a matéria, porém, pode ser mais fielmente compreendida se assumirmos a composição orgânica do capital como o conceito relevante para a análise das tendências da produção capitalista, sendo seus determinantes, por um lado, a proporção entre a *massa* de meios de produção e a *massa* de força de trabalho que os põe em movimento e, por outro, a proporção entre seus *valores*. Assim, no início do capítulo 9 do livro III de *O capital*, lemos:

A composição orgânica do capital depende, em qualquer momento dado, de *duas* circunstâncias: primeiro, da proporção técnica entre a força de trabalho empregada e a massa dos meios de produção empregados; segundo, do preço desses meios de produção. (C, III/1, p.121, grifo nosso)²

Acrescentaríamos: “e do valor da força de trabalho”.³ A questão relevante, portanto, é identificar os determinantes das modificações da COC em cada contexto específico – se uma mudança técnica, se uma mudança nos valores dos componentes materiais do capital.

Em relação ao primeiro determinante da COC, Marx escreve:

A primeira proporção repousa sobre base técnica e deve, em determinado nível de desenvolvimento da força produtiva, ser considerada como dada. Determinada massa de força de trabalho, representada por determinado número de trabalhadores, é exigida para produzir, por exemplo, numa jornada, determinada massa de produto, e, portanto – o que está implícito – para pôr em movimento, consumir produtivamente, determinada massa de meios de produção, maquinaria, matérias-primas etc. Determinado número de trabalhadores corresponde a determinado

2 Embora Marx se refira aí ao “preço” dos meios de produção, o contexto da investigação ainda é o de preços correspondentes à magnitude dos valores. Ou seja, preços e valores são utilizados de forma intercambiável.

3 É provável que a não inclusão, por Marx, do valor da força de trabalho nessa passagem se deva ao fato de que, no âmbito da investigação que estava desenvolvendo (a transformação dos valores em preços de produção), ele adote o pressuposto de taxa de mais-valia e jornada de trabalho constantes e, em consequência, salário constante.

quantum de meios de produção, e, portanto, determinado quantum de trabalho vivo, a determinado quantum de trabalho já objetivado nos meios de produção. [...] Essa proporção constitui a composição técnica do capital e é a verdadeira base de sua composição orgânica. (C, III/1, p.113)

Em *Teorias da mais-valia*, Marx às vezes denomina essa proporção de composição física do capital (TMV, II, p.717-718).⁴ Essa proporção pode diferir tanto entre esferas da produção distintas como entre ramos da mesma indústria. Mas pode também ser aproximadamente a mesma em ramos industriais distintos (C, III/1, p.113).

A CTC expressa o grau de desenvolvimento da força produtiva do trabalho. Assim, *um aumento da produtividade do trabalho se expressa no aumento da CTC*, ou seja, no aumento da massa de meios de produção postos em movimento por determinada quantidade de força de trabalho. Essa relação é claramente formulada por Marx no capítulo 23 do livro I de *O capital*:

[...] o grau de produtividade social do trabalho se expressa no volume relativo dos meios de produção que um trabalhador, durante um tempo dado, com o mesmo dispêndio de força de trabalho, transforma em produto. A massa dos meios de produção com que ele funciona cresce com a produtividade de seu trabalho. Esses meios de produção desempenham duplo papel. O crescimento de uns é consequência; o de outros, condição da crescente produtividade do trabalho. [...] Mas, condição ou consequência, *o volume crescente dos meios de produção em comparação com a força de trabalho neles incorporada expressa a crescente produtividade do trabalho*. O acréscimo desta última aparece, portanto, no decréscimo da massa de trabalho proporcionalmente à massa de meios de produção movimentados por ela ou no decréscimo da grandeza do fator subjetivo do processo de trabalho, em comparação com seus fatores objetivos. (C, I/2, p.194, grifo nosso)

O segundo elemento determinante da COC consiste na proporção entre o valor dos meios de produção e o valor da força de trabalho empregada. Modificações nessa proporção dependem essencialmente de modificações na produtividade do trabalho.

Designando por c o valor do capital constante, por v o valor do capital variável,⁵ por K a quantidade de meios de produção (em valores de um ano base), por λ_{mp} um índice dos seus valores unitários, por N a quantidade de força de trabalho (número de trabalhadores) e por v_{ft} o seu valor unitário, temos:⁶

4 As citações de *Teorias da mais-valia* são indicadas pelas iniciais TMV, seguidas do volume da obra.

5 Por comodidade, tanto c como v são definidos em termos de fluxos (no caso do capital constante, trata-se do capital consumido por período de produção).

6 Ver Shaikh (2006, p.385-386 e 413-414). A equação 2 é a apresentada pelo autor, embora ligeiramente modificada, uma vez que não consideramos o número de rotações do capital variável. Além disso, cabe observar que Shaikh aplica a equação apenas à CVC, e não à COC.

$$(1) \quad COC = \frac{c}{v} = \frac{K}{N} \frac{\lambda_{mp}}{v_{ft}}$$

Na medida em que o valor da força de trabalho (v_{ft}) depende, por um lado, da quantidade de meios de subsistência por trabalhador (o salário real, w) e, por outro, do valor unitário desses meios, podemos reescrever:

$$(2) \quad COC = \frac{c}{v} = \frac{K}{N} \frac{1}{w} \frac{\lambda_{mp}}{\lambda_{ms}}$$

onde λ_{ms} é um índice dos valores unitários dos meios de subsistência.

Nesses termos, a COC pode-se alterar se houver modificação (i) na proporção K/N , entre a *massa* de meios de produção e a *massa* de força de trabalho; portanto, no que Marx denomina de “composição técnica do capital”; e (ii) na proporção λ_{mp}/v_{ft} , entre os *valores* dos meios de produção e o *valor* da força de trabalho, notando-se que essa última proporção pode se modificar não apenas em decorrência de alterações nos valores dos meios de produção e de subsistência, mas também em decorrência de mudanças na própria quantidade desses últimos.

É importante notar que as fontes de modificação da COC têm origem distinta. As alterações do primeiro tipo – resultantes de modificações na proporção técnica entre a massa de meios de produção e a massa de força de trabalho – refletem mudanças na produtividade do trabalho *no ramo industrial considerado*. Por sua vez, as modificações do segundo tipo – resultantes de alterações na relação de valores dos meios de produção e dos meios de subsistência – refletem mudanças na produtividade do trabalho *nos ramos industriais que fornecem esses elementos ao ramo considerado*. Esse entendimento encontra respaldo, por exemplo, na seguinte passagem de *Teorias da mais-valia* (notando-se que, aí, “orgânica” tem o significado de “técnica”):

Em certas circunstâncias, as mudanças orgânicas e as geradas por variação do valor podem ter o mesmo efeito sobre a taxa de lucro. Mas estas – e nisto se distinguem daquelas –, se não decorrem de meras flutuações de preços de mercado, se, portanto, não são temporárias, têm sempre de provir de mudança orgânica nos ramos que fornecem elementos do capital constante ou do variável. (*TMV*, III, p.1427)

Poder-se-ia questionar se é possível haver mudanças na relação de valores dos elementos materiais do capital sem que ocorram mudanças na CTC, vale dizer, sem que ocorram mudanças na produtividade do trabalho. Evidentemente, as modificações de que aqui se trata ocorrem não no ramo industrial considerado, e sim naqueles que fornecem ao primeiro meios de produção ou meios de subsistência. Em relação a estes últimos, Marx observa: “Mudança no valor do capital variável, independente da *composição orgânica*,⁷ só é possível porque meios de subsistência

⁷ Aí se trata da composição técnica.

que não são produzidos nesse ramo de produção e nele entram como mercadorias vindas de fora caíram ou subiram de preço” (TMV, III, p.1427, grifo no original).

Posto isso, para que a elevação da COC em determinado ramo industrial refletisse a elevação da CTC, e apenas esta, seria necessário que, dado o salário real, a relação entre os valores dos meios de produção e dos meios de subsistência (o termo $\lambda_{mp}/\lambda_{ms}$ da equação 2) se mantivesse inalterada. Isso só seria possível, evidentemente, se a elevação da produtividade do trabalho ocorresse em igual proporção nos ramos que fornecem ao primeiro meios de produção e meios de subsistência – o que nem sempre é o caso. Isso significa que, como regra, a COC será afetada também por mudanças na relação de valores.

A COC pode mesmo permanecer constante apesar de a CTC ter se modificado. Para isso é necessário que a variação na CTC seja compensada por variação inversa na relação de valores dos componentes materiais do capital. Por exemplo: em caso de elevação da CTC provocada por aumento na quantidade de matéria-prima processada por determinado número de trabalhadores, a COC pode permanecer constante se: (i) dado o salário, o valor da matéria-prima cai na medida necessária para compensar o aumento de sua quantidade; (ii) dado o valor da matéria-prima, o salário sobe na mesma proporção que a quantidade de matéria-prima processada; (iii) por uma combinação dos movimentos anteriores.

Colocada nesses termos, a questão da composição do capital parece não oferecer maiores dificuldades. A COC se modificaria em decorrência de variações tanto nas quantidades dos componentes materiais do capital como em seus valores. Todo o problema surge pelo fato de Marx condicionar as modificações da COC a alterações nas proporções técnicas. Um indicador disso é que, em certa passagem de *Teorias da mais-valia*, ele chega a identificar a COC com a composição técnica.⁸ Já em *O capital*, ele lança mão de expressões distintas para a COC e para a CTC. De qualquer modo, mesmo nessa obra faz as variações da primeira dependerem de variações da última. Assim, lemos no capítulo 23 do livro I:

A composição do capital tem de ser compreendida em duplo sentido. Da perspectiva do valor, ela é determinada pela proporção em que se reparte em capital constante ou valor dos meios de produção e capital variável ou valor da força de trabalho, soma global dos salários. Da perspectiva da matéria, como ela funciona no processo de produção, cada capital se reparte em meios de produção e força de trabalho viva; essa composição é determinada pela proporção entre, por um lado, a massa dos meios de produção utilizados e, por outro lado, o montante de trabalho

8 “[...] a composição orgânica do capital produtivo. Entendemos por isso a composição tecnológica” (TMV, III, p.1424). Assim também em *Teorias da mais-valia*, volume I, ao anunciar o plano da parte III de *O capital*, anota: “Composição orgânica diversa dos capitais, dependente sob certo aspecto da diferença entre capital variável e constante, desde que essa diferença decorra do estágio de produção, das relações quantitativas absolutas da maquinaria e matérias-primas com a quantidade de trabalho que as põe em movimento. Tais diferenças têm relação com o processo de trabalho” (TMV, I, p.408-409, grifos no original).

exigido para seu emprego. Chamo a primeira de composição-valor e a segunda de composição técnica do capital. Entre ambas há estreita correlação. Para expressá-la, chamo a composição-valor do capital, na medida em que é *determinada por sua composição técnica e espelha suas modificações*, de: composição orgânica do capital. (C, I/2, p.187, grifos nossos)

À primeira vista, ele estaria sustentando que as modificações da COC espelhariam rigorosamente as modificações da CTC. Uma análise mais atenta mostra que não é esse o seu ponto de vista. Para nos darmos conta disso, pode ser útil retornar a uma das principais ocasiões em que o conceito da COC é utilizado por Marx para analisar as tendências da produção capitalista. Trata-se da seção do livro III de *O capital* dedicada à exposição da lei da queda tendencial da taxa de lucro. Ali é argumentado que a taxa de lucro cai “porque com seu volume material cresce também, ainda que não na mesma proporção, o volume de valor do capital constante e, com isso, o do capital global” (C, III/1, p.163, grifo nosso). Enfatizemos que o valor do capital constante não cresce na mesma proporção que seu volume material, mas em proporção menor, o que se deve, como sabemos, ao aumento da produtividade do trabalho nos ramos que produzem os componentes materiais do capital constante. Assim, ao incluir entre as contratendências à queda da taxa de lucro o barateamento dos elementos do capital constante, Marx observa: “Em casos isolados, a massa dos elementos do capital constante pode até aumentar, enquanto seu valor permanece igual ou até mesmo cai” (C, III/1, p.179). Supondo que nada mude com respeito ao capital variável, a afirmação significa que a COC pode permanecer constante – ou até diminuir – apesar do aumento da CTC. Não se diga que tal movimento incide apenas sobre a “composição de valor” (se com isso se quer aludir a um conceito alternativo ao da COC, como pretendem alguns autores). O conceito da composição do capital relevante para a análise da queda tendencial da taxa de lucro é o da composição orgânica (nos termos aqui definidos), conforme lemos no próprio capítulo que expõe “a lei enquanto tal”:

Esta [a produção capitalista], com o progressivo decréscimo relativo do capital variável em relação ao capital constante, gera uma composição *orgânica* crescentemente superior do capital global, cuja consequência imediata é que a taxa de mais-valia, com grau constante e até mesmo crescente de exploração do trabalho, se expressa numa taxa geral de lucro em queda contínua. (C, III/1, p.164, grifo nosso)

Por outro lado, é inegável que Marx, embora atribuindo as modificações da COC a dois fatores – motivo por que suas alterações não refletem rigorosamente as da CTC –, estabelece uma hierarquia entre eles. As modificações da COC devem traduzir mudanças na CTC (o que não quer dizer apenas nesta, como sustentam certas interpretações). Não parece ser outro o sentido da advertência de Marx na sequência da passagem citada do livro I de *O capital*: “Onde se fala simplesmente de composição do capital, deve-se entender sempre sua composição orgânica” (C,

I/2, p.187). Ou seja, sempre está pressuposto que ocorreu uma mudança técnica. Se a mudança na relação c/v se deve apenas a uma mudança na relação de valores ($\lambda_{mp}/\lambda_{ms}$), é legítimo afirmar que houve uma mudança de natureza não orgânica na composição de valor. Isso torna desnecessário introduzir a CVC como um segundo conceito da composição do capital do ponto de vista do valor, ao lado da COC e com determinações distintas desta.

Lamentavelmente, o tratamento por Marx da questão da composição do capital deixa transparecer o caráter inacabado dos textos que abordam o tema, a julgar pela modificação observada no significado dos conceitos. Consideremos o seguinte exemplo, extraído de *Teorias da mais-valia* (TMV, II, p.711-716). O capital constante se reduz à matéria-prima (algodão). Supõe-se que o método de produção não se altere e que, portanto, a proporção técnica entre os meios de produção e a força de trabalho permaneça constante (1 trabalhador para cada 80 libras-peso de algodão), como se pode observar na coluna 7 da Tabela 1.⁹ A relação c/v aparece nas duas últimas colunas, primeiro em valores absolutos e, em seguida, em termos percentuais.¹⁰

Tabela 1. Efeito de alterações no valor dos meios de produção e da força de trabalho sobre a composição do capital

	Matéria-prima (algodão)		Capital constante	Força de trabalho		Capital variável	CTC ^c	c/v	Composição percentual
	Quant. ^a	Valor unitário		Quant. ^b	Valor unitário				
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)
I	1.600	0,05	80,00	20	1,00	20,00	80	4,00	80c + 20v
II	1.600	0,05	80,00	20	1,33	26,67	80	3,00	75c + 25v
III	1.600	0,067	106,67	20	1,00	20,00	80	5,33	84,2c + 15,8v
IV	1.600	0,067	106,67	20	1,33	26,67	80	4,00	80c + 20v

^a Libras-peso.

^b Número de trabalhadores.

^c Libras-peso de algodão por trabalhador.

Fonte: elaboração do autor a partir de Marx (TMV, II, p.711-716).

O capital total é, inicialmente, de 100 libras, composto da seguinte forma: capital constante: 1.600 libras-peso de algodão a 0,05 libra por libra-peso, totalizando 80 libras; capital variável: 20 trabalhadores à razão de 1 libra por trabalhador,

⁹ Como o capital constante é composto por apenas um meio de produção, a CTC pode ser expressa pela relação entre a sua massa e a de força de trabalho.

¹⁰ Na tabela apresentada por Marx (TMV, II, p.716), o capital total é igualado a 100 libras em todos os casos, tornando possível visualizar a composição do capital em termos percentuais. Nela se pode observar que, com o aumento dos valores dos meios de produção ou do salário, as quantidades se ajustam correspondentemente, expressando o fato de que a CTC permanece constante.

totalizando 20 libras. A composição percentual é, portanto, de $80c + 20v$. Em II, o salário aumenta em um terço, enquanto o valor da matéria-prima permanece inalterado. Como a CTC permanece constante, o resultado é uma redução da composição percentual para $75c + 25v$. Em III, apenas o valor da matéria-prima se eleva (em um terço), enquanto o salário permanece inalterado. Sempre supondo a CTC constante, a composição percentual experimenta um aumento, sendo agora de $84,2c + 15,8v$. Finalmente, em IV os valores de ambos os elementos aumentam na mesma proporção (um terço). Dada a constância da CTC, a composição percentual fica inalterada ($80c + 20v$).

O exemplo deixa claro que a relação c/v pode se modificar apesar da constância da CTC, simplesmente em virtude de mudanças no valor da força de trabalho (caso II) ou no valor dos meios de produção (caso III). Em *Teorias da mais-valia*, Marx retrata essas mudanças na relação c/v que ocorrem independentemente de modificação técnica como mudanças na composição orgânica. Por exemplo, a propósito de um aumento no valor da força de trabalho:

Se a composição orgânica do capital, portanto, permanece a mesma no tocante ao aspecto material dos componentes como valores de uso, isto é, se a mudança dessa composição não decorre de mudança no *método de produção* no ramo onde se emprega o capital, mas apenas de elevação no *valor da força de trabalho* e, em consequência, de alta do salário necessário, o que é igual a decréscimo do tempo de trabalho excedente ou da taxa de mais-valia [...], então, a queda da taxa de lucro tem origem pura e simples na queda da própria mais-valia. Se não se altera o método de produção nem a razão entre as quantidades de trabalho imediato e de trabalho acumulado, então a mudança na composição orgânica do capital provém dessa mesma causa, tem origem apenas na circunstância de se ter modificado o *valor (o valor proporcional) das quantidades empregadas*. (TMV, II, p.709, grifos no original)

Do mesmo modo, se a variação atinge os valores dos elementos materiais do capital na mesma proporção, como ocorre no caso IV:

[...] *variações do valor* das mercadorias que entram no capital constante ou variável – *inalterado o método de produção* ou *a composição física do capital* (isto é, dada a mesma relação entre o trabalho imediato e o acumulado aplicados) – *não* modificam a composição orgânica do capital quando têm *o mesmo efeito proporcional* sobre o capital variável e o constante [...]. (TMV, II, p.717, grifos no original)

Em contrapartida, se adotássemos a forma como o problema é exposto em *O capital*, deveríamos afirmar que em todos esses casos as modificações na relação c/v não correspondem a mudanças orgânicas, por não serem motivadas por mudanças na CTC.

O fato de a posição de Marx acerca da COC, pelo menos para fins de “operacionalização” do conceito, não estar suficientemente estabelecida nas passagens

dedicadas ao tema transparece nas múltiplas tentativas feitas pelos intérpretes para encontrar uma expressão apropriada para a COC (algumas das quais serão examinadas na seção seguinte). O próprio Marx expressa a COC do seguinte modo: “Ela [a composição orgânica do capital] deve ser considerada [...] em sua proporção percentual. A composição orgânica de um capital que consiste em quatro quintos de capital constante e em um quinto de variável expressamos pela fórmula $80c + 20v$ ” (C, III/1, p.121).

Talvez não seja casual o fato de Marx afirmar, a propósito da determinação da taxa de lucro: “A taxa de lucro é, portanto, determinada por dois fatores principais: a taxa de mais-valia e a composição de valor do capital” (C, III/1, p.54). O fato de que toda a sua argumentação posterior acerca da evolução da taxa de lucro tenha como base o conceito de composição *orgânica* deixa claro que a “composição de valor” mencionada na passagem é a composição orgânica. Para confirmá-lo, basta examinar o modo como Marx define a composição de valor no capítulo em questão:

[...] a composição de valor do capital investido num ramo industrial, portanto determinada relação do capital variável com o capital constante, exprime toda vez determinado grau da produtividade do trabalho. Assim que essa relação experimenta uma alteração que não a mera alteração de valor dos componentes materiais do capital constante ou a alteração do salário, também a produtividade do trabalho tem de ter sofrido uma alteração [...]. (C, III/1, p.40)

Como se vê, em termos inteiramente semelhantes aos que em outras partes de sua obra são utilizados para definir a composição orgânica. Portanto, parece não fazer sentido adotar fórmulas distintas para a COC e para a CVC.

É à luz dessa interpretação que devem ser lidas determinadas passagens de *O capital*. Por exemplo, no livro I, no contexto da exposição da lei geral da acumulação capitalista, Marx analisa as modificações da CTC e seus reflexos no que denomina de composição de valor:

Essa mudança na composição técnica do capital, o crescimento da massa dos meios de produção, comparada à massa da força de trabalho que os vivifica, reflete-se em sua composição em valor, no acréscimo da componente constante do valor do capital à custa de sua componente variável. [...] O decréscimo da parte variável do capital em confronto com a constante ou a composição modificada do valor do capital indica, no entanto, de modo apenas aproximado, a mudança na composição de seus componentes materiais. [...] A razão disso é simplesmente que, com a crescente produtividade do trabalho, não apenas se eleva o volume dos meios de produção por ele utilizados, mas cai o valor deles em comparação com seu volume. Seu valor se eleva, pois, de modo absoluto, mas não proporcionalmente a seu volume. O crescimento da diferença entre capital constante e capital variável é, por isso, muito menor do que o da diferença entre a massa dos meios de produção

em que o capital constante é convertido e a massa da força de trabalho em que se converte o capital variável. A primeira diferença cresce com a última, mas em grau menor. (C, I/2, p.194-195)

Como se pode ver, Marx denomina aí de composição *de valor* o que, em outras partes (por exemplo, na seção III do livro III, dedicada à lei da queda tendencial da taxa de lucro), chama de composição *orgânica*. Vejamos agora a seguinte passagem do livro III, na qual são comparadas as composições do capital em ramos industriais distintos:

Mas é também possível que aquela proporção [técnica] seja a mesma em diversos ramos industriais, na medida em que o capital variável for mero índice da força de trabalho e o capital constante mero índice da massa de meios de produção posta em movimento pela força de trabalho. Assim, por exemplo, certos trabalhos em cobre e ferro podem pressupor proporção igual entre força de trabalho e massa de meios de produção. Mas, sendo o cobre mais caro que o ferro, a proporção de valor entre capital variável e constante será diferente nos dois casos, e com isso também a composição de valor de ambos os capitais globais. (C, III/1, p.113)

Trata-se, no caso, de dois ramos industriais que se encontram em nível comparável de desenvolvimento da força produtiva do trabalho, diferenciando-se, porém, no tocante aos valores dos meios de produção que utilizam. A partir disso, o autor estabelece a seguinte distinção:

A diferença entre a composição técnica e a composição de valor se revela em cada ramo industrial pelo fato de que, com composição técnica constante, pode variar a proporção de valor entre as duas partes do capital, e com composição técnica alterada a proporção de valor pode permanecer a mesma [...]. (C, III/1, p.113)

A questão é retomada na seção VI do livro III de *O capital*:

Inicialmente, ao examinar a formação da taxa de lucro, vimos que capitais que, do ponto de vista técnico, têm a mesma composição, isto é, que mobilizam igual quantidade de trabalho em relação à maquinaria e à matéria-prima, mesmo assim podem estar compostos diversamente pelos diferentes valores das partes constantes do capital. Num caso, a matéria-prima ou a maquinaria pode ser mais cara do que no outro. [...] Que, mesmo assim, esses capitais têm a mesma composição técnica revelar-se-ia de imediato se o preço da matéria-prima mais cara caísse para o da mais barata. As relações de valor entre capital variável e constante ter-se-iam igualado, embora não tivesse ocorrido nenhuma alteração na relação técnica entre o trabalho vivo empregado e a massa e a natureza das condições de trabalho empregadas. Por outro lado, um capital de composição orgânica inferior, considerado do ponto de vista da simples composição de valor, poderia, pela mera elevação dos valores de

suas partes constantes, ao menos na aparência colocar-se no mesmo nível de um capital de composição orgânica superior. (C, III/2, p.230-231)

A conclusão é a seguinte:

Portanto, capitais de igual composição orgânica podem ter composição de valor diversificada, e capitais de igual composição percentual de valor podem estar em níveis diferentes de composição orgânica, expressando, portanto, diferentes estágios de desenvolvimento da força produtiva social do trabalho. (C, III/2, p.231)

A compreensão dessas duas passagens do livro III não é isenta de dificuldades, em razão da falta de uniformidade no uso dos conceitos. Enquanto na primeira passagem (a da página 113) a oposição se dá entre a composição técnica e a composição de valor, na última o mesmo fenômeno é descrito em termos de oposição entre a composição orgânica e a composição de valor. Assim, o que Marx denomina na primeira passagem de composição *técnica* denomina de composição *orgânica* na segunda. O ponto a ser notado é que, apesar da aparência em contrário, não está em questão uma suposta distinção entre *dois* conceitos da composição do capital do ponto de vista do valor, a COC e a CVC. Os exemplos mostram simplesmente (i) que capitais de igual composição técnica podem ter diferente composição de valor. Nesse caso, a diferença na composição de valor não corresponde a uma diferença orgânica; e (ii) que capitais de diferente composição técnica podem ter igual composição de valor. Nesse caso, a igualdade na composição de valor encobre uma diferença orgânica. O último caso se aplica à situação da agricultura, conforme o autor explica na continuação da passagem:

Portanto, a mera circunstância de, quanto a sua composição de valor, o capital agrícola se encontrar no nível geral não demonstra que a força produtiva social do trabalho se encontra nele no mesmo grau de desenvolvimento. Só poderia demonstrar que seu próprio produto, que, por sua vez, constitui parte de suas condições de produção, é mais caro ou que matérias auxiliares, como adubo, antes ao alcance da mão, têm agora de ser trazidas de longe etc. (C, III/2, p.231)

A análise dessas passagens permite perceber um duplo uso da expressão “composição orgânica”: ora se refere à composição técnica, como na passagem analisada por último; ora se refere à relação *c/v*. Para além dessa não uniformidade, uma coisa parece clara: *Marx nunca opõe a COC à CVC como conceitos alternativos da composição do capital do ponto de vista do valor*. A preocupação do autor consiste sempre em verificar se, por trás de determinada mudança na relação *c/v*, está uma mudança técnica – portanto, uma mudança no nível de desenvolvimento da força produtiva do trabalho – ou simplesmente uma alteração na relação de valores. Apenas no primeiro caso é apropriado referir-se a mudança *orgânica*. Para efeito das análises das tendências da produção capitalista, Marx adota o pressuposto de que variações na relação *c/v* expressam sempre uma mu-

dança técnica, embora atenuada por alterações de maior ou menor grau na relação de valores dos elementos do capital.

Interpretações alternativas

As divergências acerca do conceito da composição do capital giram em torno, principalmente, da relação entre a COC e a CVC. Os esforços no sentido de distinguir os dois conceitos caminharam em três direções principais (ou por uma combinação delas): (i) adotar fórmulas distintas para a COC e para a CVC; (ii) adotar a mesma fórmula (c/v) para ambas, distinguindo, porém, a COC ao tomar algum de seus determinantes como constante; (iii) vincular os dois conceitos a níveis de abstração diferentes.

Um exemplo do primeiro tipo de esforço consiste em expressar a CVC pela fórmula c/v , enquanto a COC é expressa por $c/(v + m)$. Vale dizer, pela relação entre o capital constante e o total do valor novo produzido.¹¹ O argumento é que essa fórmula evitaria um sério inconveniente da fórmula c/v . É que, adotada esta última, a COC se modificaria sempre que variasse a taxa de mais-valia (a relação m/v), independentemente de ter ocorrido qualquer modificação da CTC, ao passo que um indicador apropriado da COC deveria refletir as variações da CTC. Retomemos o exemplo de Marx citado anteriormente, acrescentando os dados referentes à massa e à taxa de mais-valia e calculando a COC de acordo com a fórmula proposta (ver a última coluna da Tabela 2).

Tabela 2. Uma medida alternativa da composição orgânica do capital

	Matéria-prima (algodão)		Capital constante	Força de trabalho		Capital variável	Mais-valia	Taxa de mais-valia	CTC ^c	COC $c/(v+m)$
	Quant. ^a	Valor unitário		Quant. ^b	Valor unitário					
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)
I	1.600	0,05	80,00	20	1,00	20,00	20,00	100%	80	2,00
II	1.600	0,05	80,00	20	1,33	26,67	13,33	50%	80	2,00
III	1.600	0,067	106,67	20	1,00	20,00	20,00	100%	80	2,67
V	2.000	0,05	100,00	25	0,80	20,00	30,00	150%	80	2,00

^a Libras-peso.

^b Número de trabalhadores.

^c Libras-peso de algodão por trabalhador.

Fonte: elaboração do autor a partir de Marx (*TMV*, II, p.711-716).

A primeira linha é idêntica à da tabela anterior. A taxa de mais-valia é, inicialmente, de 100%. Em princípio, o argumento parece convincente. Com efeito, em II, em consequência da elevação do salário, e mantida a quantidade total de

¹¹ Ver, por exemplo, Gill (2002, p.307 et seq.) e Cogoy (1987).

trabalho realizado, a taxa de mais-valia cai para 50%, e isso não afeta em nada a COC, o que constitui um resultado importante, tendo em vista que a CTC não se modificou (ver a coluna 9 da tabela). Vejamos, porém, o que ocorre quando, dados o salário e a taxa de mais-valia, aumenta o valor da matéria-prima, tal como em III. A COC, calculada segundo a fórmula sugerida, é, agora, igual a 2,67, sem que tenha ocorrido qualquer mudança na CTC. Assim, a utilização da fórmula exigiria que se adotasse uma simplificação, a saber, que o valor dos meios de produção não se modificasse, o que implicaria desconsiderar as variações da produtividade do trabalho nos ramos que os produzem – o que, evidentemente, contraria as indicações de Marx em seu emprego do conceito da COC.

Em apoio a essa interpretação, Gill (2002) cita a seguinte passagem de *O capital*: “[a] composição orgânica diferente dos capitais e, portanto, [as] massas diferentes de trabalho e com isso também, com as demais circunstâncias constantes, de mais-trabalho, que capitais de igual grandeza põem em movimento [...]” (C, III/1, p.117). Note-se, porém, que o uso de $(v + m)$ no denominador só faz sentido “com as demais circunstâncias constantes”. No caso, taxa de mais-valia, jornada de trabalho e salário constantes.¹² Conforme se pode ler alguns parágrafos atrás: “O capital variável é o índice não apenas do trabalho nele mesmo contido, mas, com taxa de mais-valia dada, ao mesmo tempo, do trabalho excedente posto em movimento além desse limite ou mais-trabalho” (C, III/1, p.114-115, grifo nosso).¹³

A suposição de jornada de trabalho constante constitui, de fato, uma segunda restrição ao uso da fórmula $c/(v + m)$ para a COC. No exemplo de Marx, a quantidade total de trabalho realizado – portanto, o total do valor novo produzido – permanece constante em todas as situações consideradas. Suponhamos, no entanto, que a jornada de trabalho seja prolongada e que, em consequência, o valor novo produzido suba para, digamos, 50 libras (ver a situação V na Tabela 2).¹⁴ A taxa de mais-valia, supondo constante o capital variável, subirá para 150%. Supondo que a CTC não se tenha modificado (a quantidade de matéria-prima cresce na mesma

12 “Como, além disso, se pressupõe que a taxa de mais-valia e a jornada de trabalho sejam constantes, e como esse pressuposto implica também a constância do salário, então certo quantum de capital variável expressa certo quantum de força de trabalho posta em movimento e, por conseguinte, determinado quantum de trabalho que se objetiva” (C, III/1, p.112-113).

13 Também na seguinte passagem de *Teorias da mais-valia* em que trata da composição do capital, Marx considera o total do trabalho vivo (pago e não pago): “Dada a *produtividade* do trabalho – a qual se pode considerar constante enquanto não se introduza mudança – fica determinada, em todo ramo de produção, a quantidade de matérias-primas e de meios de trabalho, isto é, a quantidade de capital constante, de seus *elementos materiais*, a qual corresponde a *quantidade* definida de *trabalho vivo* (pago e não pago), ou seja, aos *elementos materiais* do capital *variável*” (TMV, III, p.1424, grifos no original). Mas, também aqui, a taxa de mais-valia é dada, conforme se pode ler no parágrafo seguinte: “Se é pequena a proporção do trabalho materializado com o vivo, é grande a porção do produto a qual representa trabalho vivo, não importa como se divida entre capitalista e trabalhador. E vice-versa. Para *dada taxa de exploração do trabalho*, o trabalho excedente é grande num caso e pequeno no outro” (TMV, III, p.1424, grifo nosso).

14 Como em nossas tabelas a quantidade de força de trabalho é indicada pelo número de trabalhadores, o aumento da jornada de trabalho foi expresso através do aumento do número de trabalhadores de 20 para 25.

proporção em que a jornada foi prolongada), a COC, pela fórmula sugerida, permanecerá em 2,00. A relação c/v , porém, terá subido para 5,00. Dado que a CTC se mantém constante, a explicação para esse aumento da relação c/v é a mudança na relação entre os valores dos meios de produção e da força de trabalho, decorrente de uma queda da taxa de salário (como sempre ocorre quando o aumento da taxa de mais-valia se dá através do prolongamento da jornada de trabalho).¹⁵ A fórmula c/v , ao incorporar esse fator, se ajusta melhor ao caso de aumento da jornada. O mesmo raciocínio se aplica em caso de aumento da intensidade do trabalho.¹⁶

Os esforços de distinção entre a COC e a CVC do segundo tipo mencionado (aqueles que tomam como constante algum dos determinantes de c/v) parecem não ter sido mais exitosos. Fine e Harris (1981), após definirem a CTC como “a razão entre a massa dos meios de produção consumidos por período de produção (isto é, abstraído-se do capital fixo) e a massa de bens de salário”, afirmam: “A composição de valor (CVC) é uma expressão da mesma razão medida em termos dos valores correntes dos meios de produção e dos bens de salário consumidos” (Fine; Harris, 1981, p.58). Assim, a CVC leva em conta os valores em constante alteração dos meios de produção e dos bens de salário decorrentes dos aumentos da produtividade. A COC, em contrapartida, “faz abstração dessas modificações”, uma vez que avalia os meios de produção e os bens de salário aos seus “valores antigos”. Em resumo, “as modificações na COC são diretamente proporcionais às modificações na composição técnica, ao passo que as modificações na CVC não o são” (Fine; Harris, 1981, p.58). Fine e Harris argumentam, adicionalmente, que os conceitos da COC e da CVC situam-se em níveis de abstração distintos, a primeira existindo num nível mais alto, o da produção, enquanto a CVC incorpora a esfera da troca, na qual os valores novos se consolidam (Fine; Harris, 1981, p.59).

A interpretação proposta por Saad Filho (2011) segue, essencialmente, a linha adotada por Fine e Harris (1981), apenas precisando e refinando certos pontos do argumento. Em primeiro lugar, esclarece que “[a] CTC não pode ser medida diretamente ou comparada através de setores distintos [...]”. A seguir, afirma: “Entretanto, a CTC pode ser avaliada em termos de *valor*, porque no capitalismo todos os insumos tendem a tornar-se mercadorias. A avaliação da CTC em valor define a *composição orgânica do capital* (COC) [...]” (Saad Filho, 2011, p.124, grifos no original). Na medida em que constitui uma expressão da CTC, prossegue o argumento, a COC não pode ser afetada por mudanças nos valores dos componentes do capital: “Como a COC é um reflexo imediato da CTC em valor,

15 Como no exemplo os meios de produção se reduzem à matéria-prima, e como se supõe que sua massa cresce proporcionalmente ao aumento da jornada de trabalho, a CTC se mantém constante. Caso incorporássemos a maquinaria, a situação se modificaria: como a massa de maquinaria permanece constante, a CTC correspondente a esse segmento se reduz. O resultado quanto à COC dependerá da participação relativa da maquinaria e da matéria-prima no capital constante e do nível do salário após o aumento da jornada. De qualquer modo, a variação da COC não será proporcional à da CTC.

16 Sobre os efeitos do prolongamento da jornada e da intensificação do trabalho sobre a CTC, ver Marx (C, III/1, p.177).

ela *não muda* se a CTC ficar constante, mesmo se o valor dos componentes do capital se modificar” (Saad Filho, 2011, p.125, grifo no original).

Em segundo lugar, Saad Filho procura identificar a razão pela qual Marx teria considerado necessário introduzir a CVC em sua investigação como um conceito distinto da COC. Considerando-se as diferentes esferas da produção, seria necessário distinguir os efeitos da aplicação de tecnologias diferentes das consequências do uso de insumos com valores diferentes (Saad Filho, 2011, p.126). A maneira de expressar tal distinção seria a seguinte: “[...] diferenças no *valor* dos capitais constante e variável consumidos em indústrias distintas são capturadas pela CVC, mas não pela COC. Em contraste, diferenças nas *tecnologias de produção* afetam a COC, mas elas podem não se refletir exatamente na CVC” (Saad Filho, 2011, p.127, grifos no original).

Em consequência, os conceitos da COC e da CVC devem ser distinguidos com base nos valores usados em cada caso:

Porém, quais valores devem ser usados no cálculo da COC e da CVC: os mais antigos e elevados, ou os mais novos e menores? A resposta de Marx é clara. A COC mede a CTC pelos valores *iniciais* (mais elevados) dos componentes do capital, *antes* de as novas tecnologias afetarem o valor do produto. Em contraste, a CVC mede a CTC pelos valores *finais* (menores e sincronizados) dos elementos do capital constante e variável, determinados pelas condições modificadas de produção e recentemente estabelecidos na circulação. (Saad Filho, 2011, p.129, grifos no original)

Finalmente, Saad Filho entende que a COC e a CVC são conceitos determinados em níveis distintos. Enquanto a COC é determinada na produção, a CVC é um conceito da circulação:

Em resumo, apesar de a COC e a CVC serem reflexos da CTC em valor, elas são distintas em razão da diferente forma de avaliação dos meios de produção e da força de trabalho. Uma comparação das tecnologias de produção adotadas em dois setores com base na COC independe das diferenças nos valores dos componentes do capital, porque a COC é definida na produção. Em contraste, diferenças (ou variações) nos valores dos capitais constante ou variável são detectadas pela CVC, um conceito da circulação. (Saad Filho, 2011, p.128)

E mais adiante:

[...] elas divergem porque a COC é uma avaliação *ex ante* do capital constante (fixo e circulante) tecnicamente necessário por hora de trabalho (pago e não pago), enquanto a CVC é a razão *ex post* entre o novo valor do capital constante (circulante) e o capital variável investido na última fase da produção. Portanto, a COC é medida no momento da produção, enquanto a CVC é determinada na circulação,

ou seja, quando os trabalhos são normalizados, sincronizados e homogêneos, os novos valores são determinados e as mercadorias entram na esfera da troca. (Saad Filho, 2011, p.131)

A interpretação de Saad Filho (2011) é, virtualmente, a mesma de Fine e Harris (1981), uma vez que, para além das precisões que introduz, mantém o ponto fundamental desta: a distinção entre a COC e a CVC a partir da utilização dos valores “antigos”, no primeiro caso, ou dos “novos”, no segundo. O problema com essa interpretação é que deixa de levar em conta um aspecto fundamental a Marx em sua aplicação do conceito da composição do capital, como é o caso de sua formulação da lei da queda tendencial da taxa de lucro. Para Marx, a razão última dessa queda reside na tendência de elevação da COC, e a elevação desta última expressa, embora não na mesma proporção, a tendência de elevação da CTC. E, como vimos, a razão pela qual a COC não expressa as variações da CTC na mesma proporção se deve precisamente ao fato de incorporar as reduções de valores dos meios de produção propiciadas pelos aumentos da produtividade do trabalho.¹⁷ Não faz sentido, portanto, estimar a COC com base nos “valores antigos”; isto é, deixar de considerar a influência dos aumentos da produtividade sobre os valores dos meios de produção e dos meios de subsistência. Estimar séries do capital constante e do capital variável sem levar em conta os efeitos das mudanças da produtividade do trabalho contraria um aspecto central da teoria do valor de Marx.¹⁸

Por outro lado, não há como fundamentar teoricamente a distinção entre a CVC e a COC a partir de sua vinculação a âmbitos distintos (a produção e a circulação). Finalmente, é necessário questionar o próprio ponto de partida dessa interpretação, que é o mesmo de todos os autores que propõem a distinção entre os dois conceitos, qual seja, a hipótese segundo a qual a COC é a tradução rigorosa da CTC em valor. Como vimos, tal hipótese não parece encontrar sustentação nos textos de Marx.

Shaikh (2006) também sustenta a distinção entre a CVC e a COC. Além disso, sua interpretação se caracteriza por identificar a razão entre o capital constante c e o produto líquido $v + m$ como um conceito adicional da composição do capital, que denomina de “composição materializada do capital”. A CTC é medida pelo estoque de meios de produção por trabalhador em valores de um ano base. A CVC, por sua vez, corresponde à razão c/v e é influenciada pelos seguintes fatores: (i) a CTC; (ii) a relação entre os valores unitários dos meios de produção e dos meios

17 Conforme o expressa Mateo (2008, p.97): “[...] a análise de Marx a respeito da COC incorpora a mudança técnica e o estabelecimento dos novos valores produto dos avanços da produtividade, pois sem esses processos não se poderia entender sua análise das tendências contraditórias da acumulação de capital”.

18 “[...] o valor das mercadorias é determinado não pelo tempo de trabalho que sua produção custou originalmente, mas pelo tempo de trabalho que custa sua reprodução, e este diminui constantemente em consequência do desenvolvimento da força produtiva social do trabalho” (C, III/1, p.298).

de subsistência; e (iii) o salário real por trabalhador. A COC é também igual à razão c/v , desde que se suponham constantes os dois últimos fatores. Isso significa que a COC refletirá apenas as variações da CTC.

Na medida em que o progresso técnico no longo prazo se difunde por igual entre os departamentos produtores de meios de produção e de meios de subsistência, prossegue o argumento, a relação entre os seus valores tende a manter-se constante (Shaikh, 2006, p.386), de modo que não será ela a causa da diferente evolução da CVC em relação à COC. A verdadeira razão reside no salário real: “[...] somente um salário real crescente no longo prazo pode fazer com que a tendência da composição de valor se atrase sistematicamente [em relação à] da composição orgânica [...]” (Shaikh, 2006, p.415). Para chegar a esse resultado, Shaikh argumenta que Marx, ao formular as leis gerais da taxa de lucro, pressupõe que o salário real permaneça constante (Shaikh, 2006, p.387).¹⁹

Guerrero (1988) apresenta a distinção entre a CVC e a COC em termos semelhantes aos de Shaikh, ou seja, considerando que a COC não leva em conta as variações do salário real. A diferença principal entre eles reside em que as fórmulas propostas por Guerrero utilizam os preços de mercado dos componentes materiais do capital, em vez dos valores, como prefere Shaikh. Outra diferença é que, na fórmula proposta por Guerrero, a COC reflete não apenas as variações da CTC, mas também as variações dos preços dos meios de produção e dos meios de subsistência.

O fato de as fórmulas propostas por Guerrero se situarem em um nível de abstração menor que o adotado por Marx não é sem importância. Com efeito, na formulação original de Marx as variações de preços correspondem a variações dos valores dos componentes do capital, associadas a mudanças na produtividade do trabalho, enquanto Guerrero parece considerar as variações oriundas de qualquer fonte, além da produtividade. Por outro lado, a intenção do autor de encontrar uma fórmula para a COC que expresse apenas as variações da CTC termina sendo frustrada, na medida em que, como vimos, a fórmula proposta por ele faz a COC depender não apenas da CTC, mas também de mudanças na relação de preços dos meios de produção e dos meios de subsistência.

Examinando o ponto central comum às duas últimas abordagens, qual seja, o estabelecimento da distinção entre a CVC e a COC a partir da incorporação das variações do salário real, num caso, e de sua exclusão, no outro, é preciso observar que não se encontra sustentação nos textos de Marx para semelhante critério. Em Marx, o pressuposto de salário real constante não é um elemento *constitutivo* do conceito da COC, a qual pode se modificar em função de variação no valor da

19 Em relação à tendência decrescente da taxa de lucro, por exemplo: “Quanto às variações do salário real (sobretudo os aumentos), é evidente que Marx deseja insistir em que a tendência da taxa de lucro a cair ocorre independentemente de qualquer tendência dos salários reais a subir” (Shaikh, 2006, p.387).

força de trabalho, seja esta última decorrente de variação no valor dos meios de subsistência, seja em sua massa.²⁰

Orzech e Groll (1989) ilustram as tentativas de diferenciação entre a COC e a CVC do terceiro tipo mencionado (nas quais tais conceitos corresponderiam a níveis de abstração distintos). Os autores procuram rastrear o desenvolvimento do conceito da composição do capital na obra de Marx. Eles fundamentam a distinção entre a CVC e a COC a partir dos métodos de avaliação de custos utilizados em cada caso.

[A composição orgânica do capital] reflete *em termos de valor* a composição técnica e suas modificações. [...] a composição orgânica do capital, determinada pela composição técnica, expressa os custos em valor do capital constante e do variável em termos da quantidade de trabalho necessário sob as condições de produção “normalmente prevalentes” em Marx, isto é, em termos da teoria do valor-trabalho. (Orzech; Groll, 1989, p.68, grifo no original)

Enquanto a COC é determinada pelas condições de produção, a CVC é independente delas, sendo determinada pelas condições de mercado. Assim, ela expressa a relação entre capital constante e variável não em valores, mas em *preços que divergem dos valores*. Para os autores, tal divergência significa que a CVC “não pode ser expressa em termos da teoria do valor-trabalho” (Orzech; Groll, 1989, p.68).²¹

Não é necessário grande esforço para perceber que a associação especificamente da CVC com os preços efetivos de mercado não encontra sustentação em Marx. Como já notamos, todo o emprego por Marx do conceito da composição do capital do ponto de vista do valor se baseia no pressuposto de correspondência quantitativa dos preços de mercado aos valores. As divergências quantitativas entre essas duas categorias são de fundamental importância em análises em que o nível de abstração é menor do que o adotado por Marx, mas decididamente não podem constituir o critério para distinguir a COC da CVC.

A interpretação proposta por Mateo (2008) é bastante próxima à de Orzech e Groll, porém, questiona a dualidade que caracteriza o tratamento da relação valor-preço nesses autores. Mateo (2008, p.89) parte do pressuposto de que a “determinação da COC pela CTC obriga a que exista uma correspondência entre as magnitudes de valor da primeira com respeito às massas físicas da última”. De acordo com o autor, tanto a CVC como a COC representam uma mesma relação (c/v). Porém, tais categorias se encontrariam em diferentes níveis de abstração:

20 O próprio Shaikh observa que, quando o efeito líquido da acumulação de capital e do crescimento da composição de valor do capital é um aumento da demanda de força de trabalho, a contração resultante do exército de reserva acelera o crescimento dos salários reais. De qualquer modo, considera o efeito desse fator apenas sobre a CVC: “Essa alta nos salários reais faz diminuir a acumulação por um lado, enquanto por outro acelera o ritmo de mecanização e, portanto, o crescimento de c/v ” (Shaikh, 2006, p.417). Seria natural concluir do seu argumento que isso produziria uma mudança *orgânica*.

21 Ver, também, Groll e Orzech (1987).

A composição orgânica ignora as modificações conjunturais de tais elementos não surgidas na relação técnica e por isso Marx assinala que fará referência a esse termo em geral ao longo de sua obra. A CVC corresponde a uma análise concreta, caracterizada por um menor nível de abstração, a relação de valor existente num momento dado numa economia. Portanto, capta o complexo conjunto de influências existentes e reflete as flutuações conjunturais do mercado, inclusive as alheias à relação técnica. (Mateo, 2008, p.91)

Assim, de acordo com Mateo (2008), a COC expressaria estritamente as modificações na relação de valor associadas a mudanças no “modo de produção”, enquanto a CVC expressaria variações de qualquer natureza naquela relação, tanto as mudanças técnicas como as de caráter meramente conjuntural.

Acontece que esse critério de distinção não encontra qualquer fundamento na investigação de Marx, na qual se pressupõe que os preços de mercado em geral correspondam à magnitude dos valores. A determinação da relação c/v , seja no livro I, seja no livro III de *O capital*, leva em conta esse pressuposto, e em nenhum lugar se faz referência a uma CVC que incorpore flutuações conjunturais dos preços de mercado. É claro que, em um nível de abstração menor, os elementos do capital constante ou do capital variável poderiam ser avaliados a preços de mercado diferentes dos valores (ou dos preços de produção, conforme o caso). Isso, porém, não resolveria o problema de encontrar uma medida para a CVC distinta da COC. Se fosse possível definir duas medidas em valor para a composição do capital, ambas deveriam ser definidas no *mesmo* nível de abstração: ou o de preços correspondentes aos valores ou o de preços divergentes deles. Por outro lado, a interpretação envolve uma dificuldade referente à própria medida da COC: não permite saber se uma modificação dessa relação em determinado ramo de produção decorreu de uma mudança na CTC ou de uma mudança no valor dos meios de produção adquiridos por ele.

Conclusão

Os esforços de distinção entre a COC e a CVC, que incluem uma lista considerável de autores, parecem mal direcionados, na medida em que tal distinção não é decisiva para a análise de qualquer das tendências da produção capitalista. Considerar a CVC como um conceito da composição do capital da perspectiva do valor alternativo ao da COC e com determinações distintas deste certamente não constitui uma interpretação apropriada dos textos de Marx.

As insuficiências de algumas das interpretações alternativas se revelam no momento de escolher o critério de diferenciação entre a CVC e a COC. O fato de que as mudanças na produtividade do trabalho incidem de forma desigual na produção dos meios de produção e dos meios de subsistência – portanto, em seus valores – torna arbitrária qualquer tentativa de construção de um indicador da COC que reflita rigorosamente as variações da CTC. Consideração semelhante

se aplica às tentativas de diferenciação baseadas na suposição de um salário real constante, assim como àquelas que pretendem estabelecer níveis de abstração distintos para a COC e para a CVC.

O ponto fundamental na posição de Marx é que a tendência de elevação da CTC, embora se reflita na COC, *só o faz de maneira aproximada*, precisamente pelo fato de que a elevação da produtividade do trabalho na produção dos elementos materiais do capital constante e do variável neutraliza em parte a elevação da CTC. Na proposta de interpretação apresentada neste artigo, a forma de captar esse processo consistiu em considerar a relação entre os valores dos meios de produção e dos meios de subsistência como um dos determinantes da COC, ao lado da CTC. O elemento primordial das modificações da COC são as modificações na CTC. A relação de valores dos elementos materiais do capital tem importância secundária, mas é justamente ela a responsável por fazer que, em determinadas circunstâncias, a tendência de elevação da CTC se expresse de forma atenuada na COC.

Finalmente, a interpretação aqui sugerida condiciona as mudanças na COC a mudanças na CTC. Mudanças na relação *c/v* que não estejam associadas a mudanças na produtividade do trabalho no ramo de produção considerado não devem ser interpretadas como mudanças orgânicas naquela relação.

Referências bibliográficas

- COGOY, M. The Falling Rate of Profit and the Theory of Accumulation: a Reply to Paul Sweezy. *International Journal of Political Economy*, v.17, n.2, p.54-74, 1987. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/22111553/Mario-Cogoy-The-Falling-Rate-of-Profit-and-the-Theory-of-Accumulation>>. Acesso em: 5 ago. 2015.
- FINE, B.; HARRIS, L. *Para reler O capital*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- GILL, L. *Fundamentos y limites del capitalismo*. Madri: Trotta, 2002.
- GROLL, S.; ORZECZ, Z. B. Technical Progress and Values in Marx's Theory of the Decline in the Rate of Profit: an Exegetical Approach. *History of Political Economy*, v.19, n.4, p.591-613, 1987. Disponível em: <<http://hope.dukejournals.org/content/19/4/591.full.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2015.
- GUERRERO, D. *Acumulación de capital, distribución de la renta y crisis de rentabilidad en España (1954-1987)*. Madrid, 1988. Tese (doutorado em Economia) – Universidad Complutense de Madrid, 1988. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/136803967/Guerrero-Diego-Acumulacio%CC%81n-de-capital-distribucio%CC%81n-de-la-renta-y-crisis-de-rentabilidad-en-Espan%CC%83a>>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro I, tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- _____. *O capital: crítica da economia política*. Livro III, tomo 1. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- _____. *O capital: crítica da economia política*. Livro III, tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- _____. *Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico (livro 4 de O capital)*. Volume I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

- _____. *Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico* (livro 4 de *O capital*). Volume II. São Paulo: DIFEL, 1983.
- _____. *Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico* (livro 4 de *O capital*). Volume III. São Paulo: DIFEL, 1985.
- MATEO, J. P. Una aproximación alternativa a las dimensiones de la composición del capital. *Ensayos de economía*, Medellín, n.33, p.81-108, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.unal.edu.co/index.php/ede>>. Acesso em: 5 fev. 2013.
- ORZECZ. Z. B.; GROLL, S. Stages in the Development of a Marxian Concept: the composition of Capital. *History of Political Economy*, v.21, n.1, p.57-76, 1989. Disponível em: <<http://hope.dukejournals.org/content/21/1/57.full.pdf+html>>. Acesso em: 12 jun. 2015.
- SAAD FILHO, A. *O valor de Marx: economia política para o capitalismo contemporâneo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- SHAIKH, A. *Valor, acumulación y crisis: ensayos de economía política*. 2.ed. Buenos Aires: RyR, 2006.

Resumo

A composição do capital é uma das categorias fundamentais na investigação que Marx realiza acerca das principais tendências da produção capitalista. Apesar dessa importância, sua utilização tem sido marcada por uma grande imprecisão conceitual. Abordando a composição do capital do duplo ponto de vista “do valor” e “da matéria”, Marx faz referência à composição técnica, à composição de valor e à composição orgânica. No entanto, não há consenso entre os intérpretes quanto à natureza da relação existente entre as duas últimas. O objetivo deste artigo consiste em apresentar uma proposta de interpretação que busca preservar o essencial da abordagem de Marx sobre a matéria. Ao mesmo tempo, o artigo procura mostrar as insuficiências de algumas das interpretações alternativas.

Palavras-chave: composição técnica; composição de valor; composição orgânica.

Abstract

The composition of capital is one of the fundamental categories in the investigation that Marx carries out on the main tendencies of capitalist production. Despite this importance, its use has been marked by a large conceptual vagueness. While approaching the composition of capital from the double point of view “of value” and “of material”, Marx refers to the technical composition, the value composition and the organic composition. However, there is no consensus among interpreters regarding the nature of the relationship between the latter two. The objective of this article is to present a proposal of interpretation that seeks to preserve the essence of Marx’s approach on this topic. At the same time, the article attempts to show the shortcomings of some of the alternative interpretations.

Keywords: technical composition; value composition; organic composition.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Crise e relações de gênero

Alex Demirović e Andrea Maihofer

Análise crítica da "nova dialética"

Cláudio Gontijo

Rosa Luxemburgo: imperialismo e crise

Eduardo Mariutti

O mito do fracasso da URSS

João Quartim de Moraes

**LEF: Cinema e revolução
na Rússia soviética (Dossiê)**

François Albera, Ronaldo Rosas Reis e
grupo LEF

40